

[Notícia anterior](#)[Próxima notícia](#)

19 abr 2017 | O Globo

Mudando de profissão

O relato dessas obscenas transações pela voz dos corruptores tem sido um inacreditável desfile de cinismo, hipocrisia, acinte e afronta aos valores republicanos e à moral pública

Novela que usasse fala de delatores pareceria inverossímil. Apeça “Brasileiro, profissão esperança”, escrita por Paulo Pontes, foi um dos mais importantes espetáculos montados na década de 70 como um painel nostálgico dos “anos dourados”, pré-golpe militar. Interpretado ou dirigido por Bibi Ferreira, houve várias encenações e casas lotadas durante meses, o que dá a medida de como o público se identificava com a noção expressa no título. Hoje, o brasileiro, desencantado, mudou de profissão. É o que revela a mais recente pesquisa do Ibope, em que quase metade dos entrevistados se disse pessimista quanto ao futuro e apenas 24% se declararam otimistas.

Não faltam razões. O que se oferece agora ao povo é um país — desculpem o mau gosto da imagem — com as vísceras à mostra, purgando, cheirando mal e dando nojo. Os jornais têm descrito, e a televisão mostrado diariamente, em capítulos, como se chegou a esse ponto de degradação, ou seja, como uma empreiteira dominou a política durante anos, comprando com dinheiro sujo importantes membros dos três poderes: Executivo, Legislativo e Judiciário. O relato dessas obscenas transações pela própria voz dos corruptores tem sido um inacreditável desfile de cinismo, hipocrisia, acinte e afronta aos valores republicanos e à moral pública.

Uma novela de costumes que usasse a fala dos delatores da Odebrecht soaria inverossímil. Nenhuma ficção superaria essa realidade. A naturalidade com que relatam seus feitos é como se não fossem a outra face da corrupção, tão criminosa quanto a dos corrompidos. É bem verdade que eles têm como álibi o fato de que não assediavam, eram assediados com pedidos de propinas e propostas de outros negócios escusos, como fraudes em licitação. Os citados têm apresentado um coro repetitivo e semelhante de negações. É difícil estabelecer uma hierarquia do que mais estarrece nesses escândalos, além do vulto do dinheiro recebido pelos envolvidos, numa escala de fazer inveja a qualquer país rico. O destaque vai para o protagonista da série, o dono da Odebrecht, uma espécie de poderoso chefe, cujo desempenho jocoso mistura deboche e gozação. A intimidade promíscua que ele estabeleceu com autoridades governamentais se manifesta em cenas como a descrita por ele, quando reclamou do então presidente Lula do excesso de pedidos: “Seu pessoal está com a goela muito aberta. Estão passando de jacaré a crocodilo”. Impressiona também a eficiência do Departamento de Propinas da empreiteira, que chega a requintes de calcular que uma mochila é capaz de carregar R\$ 3 milhões, uma providência indispensável, porque “doações” eram feitas em dinheiro vivo.

Como ainda faltam muitas delações, anuncia-se que dias piores virão.

Impresso e distribuído por NewspaperDirect | www.newspaperdirect.com, EUA/Can: 1.877.980.4040, Intern: 800.6364.6364 | Copyright protegido pelas leis vigentes.

[Notícia anterior](#)[Próxima notícia](#)